

**COMISSÃO PARA A AQUISIÇÃO DE ARTE
CONTEMPORÂNEA**

Relatório e Propostas 2020

1. Enquadramento

Tendo nas últimas duas décadas permanecido uma coleção fechada, a Coleção de Arte Contemporânea do Estado foi reaberta através do Despacho n.º 5186/2019 da Senhora Ministra da Cultura, publicado no Diário da República n.º 101/2019, Série II, de 27 de maio de 2019, que determina a constituição de uma Comissão para a Aquisição de Arte Contemporânea (CAAC), com a missão identificar obras de artistas plásticos contemporâneos, tendo em vista a respetiva integração no programa de aquisição de arte contemporânea do Estado.

O Despacho n.º 5186/2019 estabelece que a CAAC funciona sob dependência do membro do Governo responsável pela área da cultura, tendo as seguintes competências:

- Selecionar as obras de arte cuja incorporação na coleção de arte contemporânea do Estado se revele fundamentadamente adequada;
- Elaborar um projeto de catálogo sobre a coleção de arte contemporânea do Estado;
- Propor a realização de exposições de obras que integrem a coleção de arte contemporânea do Estado e acompanhar a respetiva produção, montagem e divulgação.

No exercício destas competências, a CAAC deve apresentar ao membro do Governo responsável pela área da cultura um relatório que discrimine:

- O elenco das obras de arte, cuja aquisição pelo Estado seja considerada relevante no ano económico, tendo por referência as disponibilidades orçamentais previstas para o programa de aquisição de arte contemporânea portuguesa do Estado;

- Elementos identificativos do autor e da obra de arte, bem como reprodução gráfica da mesma;
- Fundamentação técnica para a proposta de seleção de cada obra de arte.
- Estimativa de preço de cada obra de arte, com indicação dos pressupostos do respetivo cálculo;
- Proposta de conteúdos, periodicidade e tiragem do catálogo, bem como estimativa dos custos de edição e impressão;
- Proposta de datas, conteúdos e formas de divulgação das exposições, bem como estimativa de despesa para a respetiva realização e proposta de dois locais para as exposições, de acordo com critérios de dispersão territorial.

A Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea, definiu, nos termos do previsto no Despacho n.º 5186/2019, o respetivo funcionamento.

Tendo em consideração os prazos previstos no Despacho n.º 5186/2019, e para cumprimentos dos prazos estipulados em 2020, a Comissão reuniu semanal ou quinzenalmente, conforme a tabela constante do Anexo I ao presente relatório.

No decorrer das reuniões, os membros apresentaram as respetivas propostas, as quais foram objeto de contínua discussão crítica, sempre no sentido de que as mesmas respondessem aos critérios definidos em Despacho, tendo chegado a uma listagem final, que ora se apresenta, aprovada por todos os membros.

2. Proposta de aquisição

Tendo em consideração a inscrição do montante de 500 000 euros para aquisição de obras de arte pelo Estado na Lei do Orçamento do

Estado para 2020, a CAAC para o Biénio 2019-2020, composta pelos ora signatários, propõe a Sua Excelência a Ministra da Cultura:

- 1) A aquisição das obras identificadas nos Anexos II e III ao presente Relatório:
- 2) A produção de um catálogo bilingue (português/inglês), com uma tiragem mínima de 1000 exemplares.
 - a. O catálogo deverá documentar os trabalhos selecionados e adquiridos, integrando igualmente um texto institucional do Sua Excelência o Primeiro-Ministro e Sua Excelência a Ministra da Cultura, bem como um texto enquadrador preparado pela Comissão de Aquisições.
 - b. O catálogo deve conter a reprodução de todas as obras adquiridas pela Comissão e o registo fotográfico das peças deverá ser encomendado a um fotógrafo profissional, especialista na realização de fotografias de obras de arte.
 - c. O custo estimado do catálogo é de 15.000,00€, valor que inclui *design*, impressão, custos de tradução e execução de fotografias.
 - d. Propõe-se que o catálogo seja editado no âmbito no protocolo entre a Direção-Geral do Património Cultural e a Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- 3) Uma exposição conjunta das obras adquiridas no biénio 2019-2020, comissariada pelos membros da Comissão para Aquisição de Arte Contemporânea, com a duração de três meses e a ter lugar entre o último trimestre de 2020 e o primeiro semestre de 2021. Propõe-se, igualmente, que após o encerramento desta exposição, as obras adquiridas sejam expostas em núcleos expositivos numa lógica de dispersão territorial, permitindo que a difusão das novas aquisições da Coleção de Arte Contemporânea do Estado, sendo particularmente importante que isto aconteça em territórios de baixa densidade populacional.

Anexo I

(a que se refere o ponto 1)

Reuniões da CAAC 2020	
Mês	Dia
Janeiro	17
Janeiro	31
Março	2
Março	31
Abril	6
Abril	23
Maio	4
Maio	7
Maio	25
Junho	1
Junho	20
Julho	8

Anexo II

(a que se refere o n.º 1 do ponto 2 do Relatório)

Alice Geirinhas (Évora, 1964) – Take me now, baby, here as I am, 2017



Fundamentação: Revelada nos anos 1990 como ilustradora de alguns dos principais periódicos nacionais, Alice Geirinhas tem vindo a consolidar um percurso artístico onde a pintura e o objeto produzem significados críticos da sociedade que nos rodeia. Nesta obra em particular, a artista convoca uma vez mais o seu compromisso com uma visão não panfletária da condição feminina, suas conquistas e derrotas, hesitações e progressos, revelando-a com um sentido crítico assinalável, pleno de metáforas subtis, humor e jogos de linguagem que perturbam a nossa ordem de ideias e leituras

sobre o atual estatuto da mulher. Nessa tarefa de comunicação mais direta e eficaz, apoiada na exploração do seu traço deliberadamente gráfico, os seus trabalhos lembram também, de um modo muito particular, a tradição da ilustração associada à tradição popular, mas aqui assumida no contexto da arte contemporânea.

Ana Manso (Lisboa, 1984) – Thoughts in Córdoba | 2019



Fundamentação: Ana Manso é uma jovem pintora em fase de afirmação, que tem tido ampla projeção e reconhecimento, quer em termos nacionais quer internacionais. Representará no acervo do

estado um ótimo exemplo de pintura abstrata, executada ao seu mais alto nível, destacando-se na prática desta autora a expressão cromática, lírica e onírica. Ainda a referir a relação com a paisagem, com a natureza e com o gesto na obra de Ana Manso.

**Ana Pérez-Quiroga (Coimbra, 1960) Breviário do Quotidiano #8
[Lisboa| 2015] - Lisboa| 2015**



Fundamentação: Artista que expõe regularmente desde 1992, com um percurso cada vez mais legitimado nas últimas décadas, desenvolve um trabalho de carácter arquivístico, intimista e multidisciplinar, na linha de diversas tendências da prática artística contemporânea. As noções de casa, memória e quotidiano, ocupam um papel fundamental nesse obsessivo teatro de objetos que identifica a forte materialidade da sua produção. Assim, também *Breviário do Quotidiano #8* se situa nessa espécie de catalogação e inventário pessoal que, para viver, tal como uma casa e para aquele

que a habita, solicita ao participante, já não espectador, uma intervenção ativa e singular. Mapear o espaço doméstico, procurar semelhanças de família é, assim, uma outra forma de configurar a própria existência.

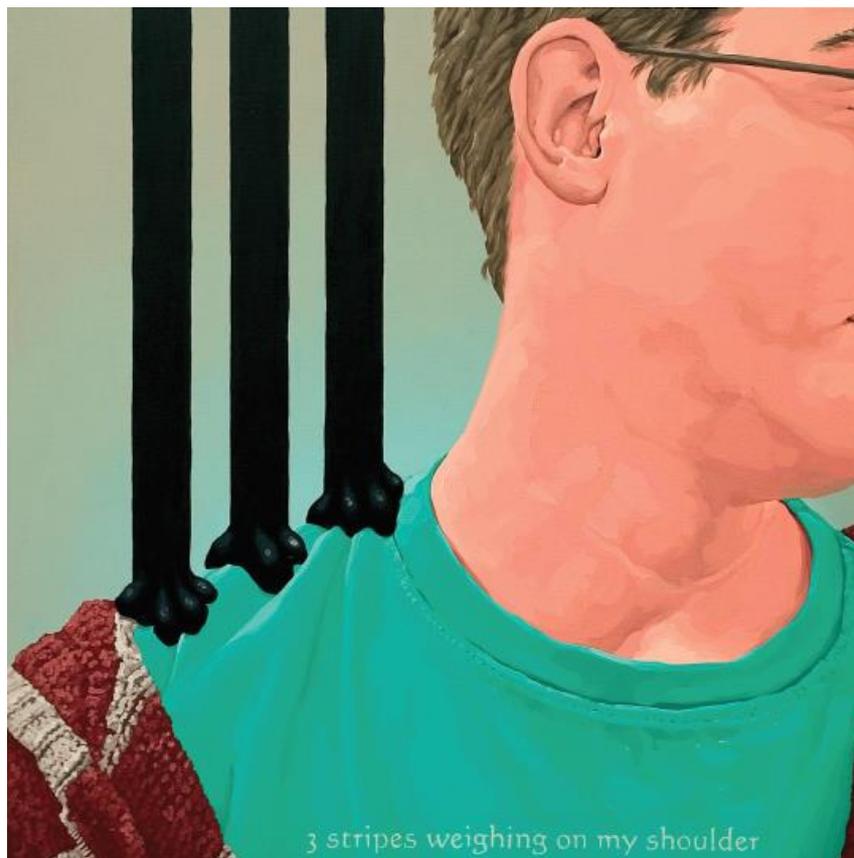
António de Sousa (Matosinhos, 1966) – Sem título (Loukanikos) | 2010



Fundamentação: António de Sousa trabalha desde os anos 1990 uma obra de cariz instalativo e neoconceptual. Tal como nesta obra proposta para aquisição da Coleção de Arte Contemporânea do Estado, a ligação que António de Sousa nos propõe entre sujeito e objeto artístico está nos antípodas de uma certa leveza interpretativa e experiencial, assumindo desde o início do processo um posicionamento de inversão ou transformação de paradigma. A irredutibilidade da obra de arte ao efeito de comunicação é, desta forma, uma característica central dos seus trabalhos. Daí a

insistência na expressão e aprofundamento das ideias de paradoxo ou de absurdo como modo de construção de um universo específico na experiência da arte.

António Olaio (Sá da Bandeira, 1963) - 3 Stripes weighing over my shoulder (série “La prospettiva is sucking reality”) | 2020



Fundamentação: António Olaio vive em Coimbra e é professor no Departamento de Arquitetura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, tendo apresentado, em 2000, a sua dissertação de doutoramento, construída a partir da obra de Marcel Duchamp. É diretor do Colégio das Artes e investigador do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. As suas performances levaram-no à música, tendo sido fundador do grupo Repórter

Estrábico em 1986. A obra de António Olaio envolve, além da elaboração de vídeos e performances, uma longa e constante prática de pintura, que surge nos anos 80, na vaga da recuperação desta prática com movimentos internacionais pós-modernos como a Transvanguardia. O imaginário de Olaio reúne influências do mundo da Arte Pop, do Kitsch e do Surrealismo, que digere e transforma numa linguagem própria, desencadeando um discurso, no qual o humor tem um papel agregador. Existe um processo de laboração sobre a conjugação de imagens fotográficas que vestem qualidades cromáticas surpreendentes, combinadas com imagens do campo da ilustração e do design, e que navegam entre o agradável e o inquietante. A obra proposta para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, de uma refinada sobriedade, associa a interpretação de uma imagem fotográfica, que domina a composição, onde é apresentada a figura de um homem num contexto do quotidiano banal, e em que ao descentrar o sujeito, evitando o rosto e o retrato (aquilo que especifica a identidade), põe a figura em grande plano aproximado, envolvendo o observador num processo de identificação subjetiva. A frase remete para as três inquietantes riscas de uma marca de calçado, essas claramente associadas a uma identidade, que se transfiguram, numa lógica surrealista, pousando as suas garras no ombro do personagem. O seu trabalho está representado em coleções privadas e em coleções públicas entre as quais: Fundação EDP, Fundação Calouste Gulbenkian, Fundação de Serralves, Círculo de Artes Plásticas de Coimbra, Museo Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporáneo de Badajoz, Espanha.

Armanda Duarte (Praia do Ribatejo, 1961) – Dorso | 2019



Fundamentação: Armanda Duarte tem tido um percurso independente e em simultâneo coerente e sólido no panorama artístico português. *Dorso* é uma obra com forte cariz poético, realizada com materiais muito precários ou pobres, na tradição de boa parte do trabalho desta autora e também de uma importante corrente da arte portuguesa nos últimos anos. A obra em questão destaca-se nesse aspeto tanto ao nível da sua realização, como no plano da sua apresentação, uma vez que é exibida no chão sem qualquer suporte.

Artur Barrio (Porto, 1945) – NADA NÃO É DÁDÁ É NADA | 2019



Fundamentação: Artur Barrio é um artista plástico com um consagrado trabalho nacional e internacionalmente reconhecido. Participou em importantes exposições, sublinhando-se a Bienal de São Paulo e a Documenta 11 de Kassel. No mesmo ano representou o Brasil na Bienal de Veneza. Foi-lhe atribuído, em 2016, o Grande Prémio da Fundação EDP. A sua obra integra diversas coleções nacionais e internacionais. A peça, que aqui se autonomiza de uma outra anterior (que funcionou como instalação no Museu Reina Sofía, com a palavra NADA, escrita sobre cartão em formato A4, colocada no chão, com café em pó, espalhado (cobrindo a própria a sala) é aqui proposta para aquisição no formato de prova fotográfica da imagem NADA /... acompanhada pelo texto infra* em grandes, médias ou pequenas dimensões, a decidir pelo curador. À semelhança de múltiplas obras de natureza precária, não musealizável e de carácter

marcadamente contextual e processual, também a obra deste artista, *NADA NÃO É DÁDÁ É NADA*, se filia nas “situações” construídas pelo artista que, aproximando arte e vida, também politicamente as questiona em absoluta liberdade.

* NADA não é DÁDÁ é NADA

NADA e o " poderoso " mercado de arte ?

Feiras, feiras, feiras, feiras ...\$... galerias de arte; o que é normal, assim como os museus ... \$... !!! Pandemia é normal, historicamente, que o seja, mas, e agora ? A Bolsa caiu ? O Mercado de arte está com sintomas de falência, saudável ou não ? O que importa para a arte ? Que o seja, ou não ??? E a arte ???? e o artista ? [sorrisos por parte dos galeristas, mercadores, colecionadores, curadores e pessoas tristes] ... porque, diferentemente, estamos habituados às cavernas, solidão, vento, água salgada, onde a arte é prene de si mesma enquanto o mundo se cloptua em borrifos de álcool-gel esperando o horror passar entre soluços e lágrimas diante dos lobos que, execrados, uivam, esfomeados, não diante do cadáver que esse é para as hienas e os ratos mas sim diante dos corpos [dos] vivos já não tão vivos devido às suas perdas financeiras mas ainda assim desejáveis por justamente não terem conseguido ser lobos.



Fundamentação: Augusto Brázio é um dos artistas mais reconhecidos da sua geração, sobretudo no que diz respeito à exploração do campo disciplinar da fotografia. Fotógrafo de matriz documental, e cujo trabalho se tem dividido entre o campo da imprensa e a realização de ensaios fotográficos onde prevalece uma sólida união entre a dimensão estética e social das imagens, Augusto Brázio confirma na série *Vende-se* de onde se propõe esta fotografia para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado – a profundidade poética e antropológica do seu olhar fotográfico. Desta vez, não é a figura humana e o seu retrato individual ou coletivo que se apresenta, embora se mantenha presente por efeito de metonímia, mas os espaços comerciais por si antes dominados, agora abandonados em resultado das nefastas consequências da crise financeira do início da década de 2010. O preto e branco da imagem confere ainda uma densidade de leitura social que projeta este trabalho para lá da evidência dos seus referentes.

Bruno Pacheco (Lisboa, 1974) – Seven Figures with a White Mantle | 2011



Fundamentação: Bruno Pacheco é um pintor prolífico, conhecido por pintar grandes formatos com grupos de pessoas e multidões, provenientes de imagens que retira maioritariamente da internet. As suas pinturas são atmosféricas e imersivas. Tem um longo percurso nacional e internacional, estudou na Goldsmiths em Londres onde atualmente continua a passar temporadas. Foi dos mais jovens artistas a ter uma grande exposição individual na Culturgest e esteve presente na 31.^a Bienal de São Paulo, entre outras exposições igualmente importantes no seu percurso. Esta pintura em particular, relembra vagamente o clássico *Le Dejeuner sur l'herbe* de Manet.

**Carlos Correia (Lisboa, 1975) – Conjunto de 3 peças / Sem título,
2005 | Sem título, 2008 | Sem título, 2016**



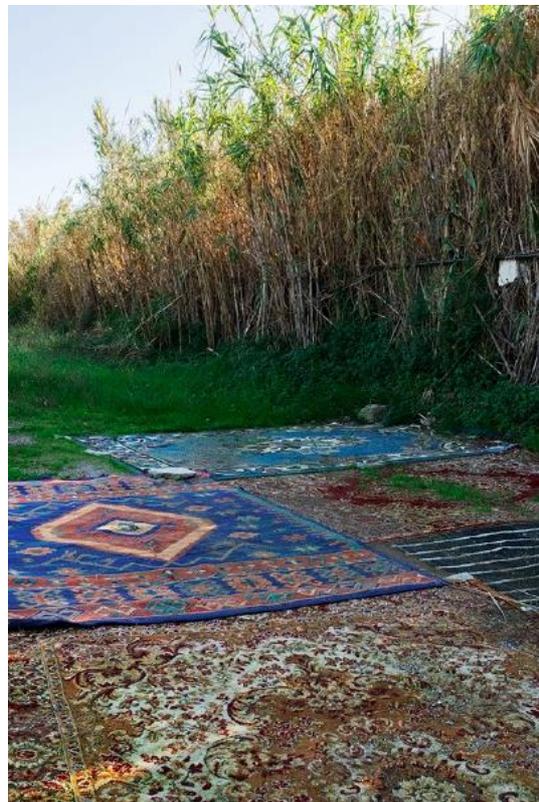


Fundamentação: Falecido precocemente, aos 43 anos, Carlos Correia era uma das maiores promessas da pintura portuguesa. Estudou na Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha e era mestre em Artes Visuais pela Universidade de Évora. Fazia o doutoramento em Pintura na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa.

Expunha regularmente em Portugal e no estrangeiro (São Paulo, Londres ou Madrid). O seu trabalho é feito através de uma sucessão de séries temáticas que tomam como ponto de partida muitas vezes a apropriação e combinação de imagens pré-existentes, que podem ir desde a fotografia de jornal à revisitação de obras-primas da história da arte. O tratamento é muitas vezes objetivo e simples, sóbrio, quase rude, de gestos precisos, sem incursões ornamentais. Mas essa aparência repousa sobre um domínio seguro do material. Ao confrontar na mesma tela diversos tipos e temas de representação, o artista mergulha num mundo onde questiona a imagem na sua referência mimética para a colocar num outro plano simbólico. As obras propostas para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, fazem parte de duas séries diferentes. As

primeiras duas fazem parte de uma série onde a figura do avião é confrontada com personagens anónimos, espectadores ou fantasmas de uma humanidade modular, posta em duas situações: a do ícone celeste e a do anjo caído, moderno Ícaro. A terceira pintura faz parte de uma série onde um exercício próximo da Minimal Art, à beira da abstração, é montado recorrendo à elaboração de um cenário de arte realista ou figurativa, neste caso o ateliê do pintor.

Catarina Botelho (Lisboa, 1981) – Sem Título | 2019



Fundamentação: Catarina Botelho tem desenvolvido um trabalho de investigação marcante em torno da imagem e do seu significado na contemporaneidade. Os seus trabalhos refletem criticamente sobre a condição existencial e sociopolítica atual do sujeito, destacando modos de vivência alternativos a um modelo de cidade pautado, espacial e temporalmente, por lógicas organizacionais voltadas para

a eficácia instrumental e para o crescimento económico. Como acontece nesta fotografia apresentada na exposição *Qualquer coisa de intermédio* que decorreu no Pavilhão Branco, Palácio Pimenta (Galerias Municipais/EGEAC), em 2020, a artista evoca algumas das suas preocupações presentes, colocando o seu foco sobre terrenos baldios, ocupações precárias e clandestinas dos centros urbanos que pela sua arquitetura informal, de crescimento improvisado e orgânico, apelam a resistências e a outras possibilidades de existência na época contemporânea.

Cecília Costa (Caldas da Rainha, 1971) – Ouroboros | 2019



Fundamentação: Uma obra singular de uma autora com um percurso longo e pautado por alguns momentos de internacionalização, tal como a participação na Bienal de Sidney em 2004. Uma peça sobre o tempo e sobre ciclos, que tão bem se pode relacionar com o atual momento de confinamento. Uma obra que remete exemplarmente para um certo formalismo patente na arte portuguesa nos anos 1970 e 1980 e cria através dessa relação uma espécie de vertigem que lhe confere assim um valor acrescentado.

Cristina Lamas (Lisboa, 1968) – Sem Título (Be Strong) | 2013



Fundamentação: Cristina Lamas é uma artista com um longo, mas discreto percurso. Trabalha sobretudo desenho e pintura em guache e/ou tinta da china sobre papel; produzindo composições geométricas ou padrões monocromáticos, os seus são trabalhos minuciosos e verticais, pequenos e de médio formato. Os seus trabalhos têm um carácter repetitivo e simultaneamente disruptivo ao utilizar intencionalmente folhas com defeitos, amareladas ou manchadas pelo tempo, etc., como também pelo facto de assumirem sem problemas erros e enganos. O trabalho que propomos, repete um mantra para os dias que correm - *BE STRONG*.

Cristina Mateus (Porto, 1968) – Vértice 1 | 2005



Fundamentação: Desenvolvendo, desde 1986, uma regular atividade artística, a obra de Cristina Mateus encontra-se representada em diversas coleções. Na sua obra, a imagem fotográfica e o vídeo constituem ferramentas primordiais para fazer falar o corpo na sua

dialética relação de presença-ausência. Enquadrando-se na cena artística internacional que toma o corpo como lugar de problematização e de questionamento da própria representação, a artista confronta-nos com um corpo performativo, sem lugar, mas que, infinitamente, procura um nome próprio. *Vértice 1*, toma como ponto de partida um apartamento desabitado no centro da cidade do Porto. Das janelas, varandas e pátios é possível ao olhar envolver a cidade. É a partir do vértice do edifício que um corpo se lança em aparente queda que não chega a acontecer. Um corpo suspenso. Uma espécie de *mise en abyme*.

Daniel Blaufuks (Lisboa, 1963) – I selfish | 2018



Fundamentação: Daniel Blaufuks trabalha a disciplina da fotografia desde os anos 1980, revelando-se hoje um dos artistas portugueses de maior expressão nacional e internacional. A partir do conceito e da prática do autorretrato, que teve já diversas manifestações no percurso de Daniel Blaufuks, o artista reforça a ideia de «lexicidade» da imagem, manifestando um desejo apenas, o nosso reconhecimento de que as imagens não são «realidades simples», elas «são antes de mais operações, relações entre o dizível e o visível» (Rancière). A identidade daquele que fotografa está aqui presente, mas sempre de um modo complexo, entre o que se revela e o que se esconde na deliberada exibição do sujeito enquanto autorretrato.

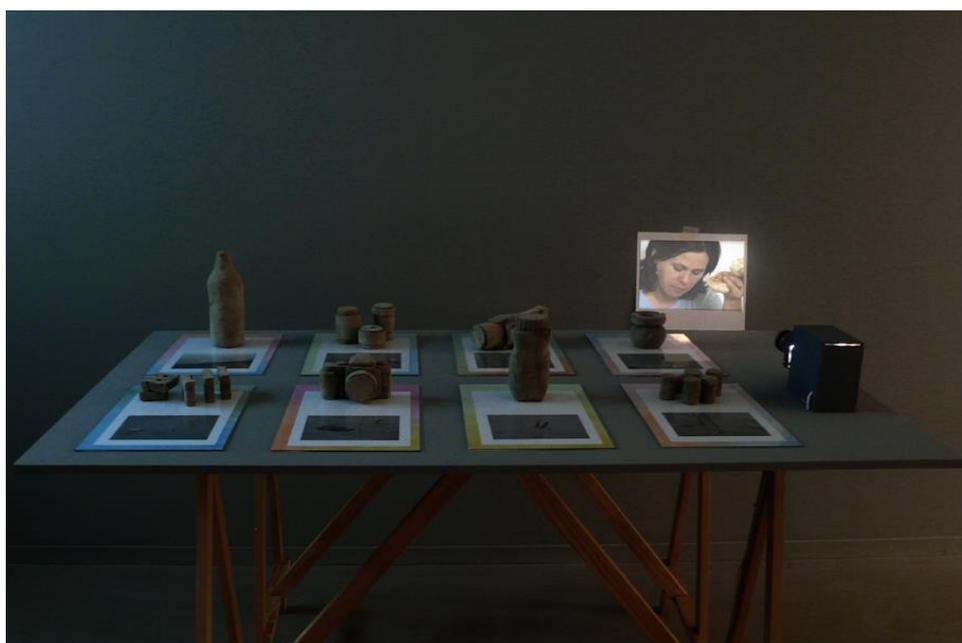
Diogo Bolota (Lisboa,1988) – Ritmo | 2016



Fundamentação: Diogo Bolota é um jovem artista, que tem um trabalho que se destaca pela sua qualidade e singularidade. Trabalha maioritariamente escultura de média escala. *Ritmo* é uma escultura em madeira e tela que representa um tambor e as suas baquetas em

equilíbrio. Destacamos a excelente exposição que Diogo Bolota apresentou recentemente no quARTel em Abrantes.

Eduardo Matos (Rio de Janeiro, 1970) – Desvio - o intervalo entre as coisas. (primeira leitura) | 2019



Fundamentação: Desde 1999 que Eduardo Matos participa regularmente em exposições nacionais e internacionais. Membro fundador do Salão Olímpico, no Porto, e com um singular percurso, a sua atividade artística é, não raras vezes, do domínio da instalação e de natureza contextual *site-specific*, uma das mais fortes tradições da arte contemporânea. Nela podemos reconhecer o cruzamento entre múltiplas linguagens do território da arte que apelam a um forte sentido espacial. *Desvio - o intervalo entre as coisas. (primeira leitura)*, obra que aqui se propõe para aquisição, reclama uma geografia de trabalho que, convocando tempos, lugares e materiais diversos, entre eles estabelece singulares possibilidades de diálogo. É nos intervalos espaciotemporais que o artista identifica entre as coisas, que neles também faz potenciar o(s) sentido(s) e (a)s

memória (s). Entre a política da forma e a forma como política, é no jogo aberto e inconstante da matéria que tudo se dá a ver. Como a água que corre no tempo que imobiliza.

Fernanda Fragateiro (Montijo, 1962) – Unbuilt, after Casas na Herdade do Mercador, Mourão, 2009-2011, atelier Ventura Trindade, Portugal | 2016



Fundamentação: Artista com um percurso assinalável no contexto português e no processo de internacionalização da arte portuguesa, Fernanda Fragateiro tem realizado um corpo de trabalho em diálogo incessante com a história da arte e da arquitetura, as suas representações modernas e a sua desconstrução. Tem percorrido um caminho autoral a partir não só da homenagem e da referência, mas também de indagação crítica relativamente ao legado minimalista. Do ponto de vista formal e conceptual, as intervenções espaciais e escultóricas de Fernanda Fragateiro, podem ser definidas pelo regime de *site-specificity*, por resultarem da aproximação

estabelecida com os espaços arquitetônicos que referencia ou em que intervém, muitos deles inusitados ou com marcas identitárias fortes. Para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, propomos a peça *Unbuilt, after Casas na Herdade do Mercador, Mourão, 2009-2011, atelier Ventura Trindade, Portugal* (2016), que constitui a muitos títulos uma obra característica da abordagem singular da artista. Trata-se de uma peça escultórica realizada em aglomerado de madeira e aço inox, cujo aspeto parece resultar da combinação de referências aos domínios da arquitetura e da arte minimal. Do ponto de vista formal, assemelha-se a maquetas arquitetônicas e a intervenções de escultura minimalista e, nela, reconhecemos o interesse que a artista concede à economia, essencialidade e simplicidade das formas num trabalho escultórico que indaga a tensão existente entre o domínio da estética e o universo da funcionalidade prática, o valor utilitário e funcional dos objetos.

Fernão Cruz (Lisboa, 1995) – Excalibur (safe place) | 2018



Fundamentação: Fernão Cruz, artista ainda muito jovem, mas com um trabalho muito afirmativo e autoral. Trabalha em pintura e escultura utilizando sempre muita matéria - as pinturas têm sempre muitas camadas e as suas esculturas em gesso e cartão, muita textura, densidade e tridimensionalidade. Destacamos a procura de novas técnicas e formas de fazer, como as suas pinturas em alumínio ou em papel-machê que tornam dúbia a fronteira entre pintura e escultura. Os seus trabalhos têm ainda um grande sentido de humor, patente também na obra *Excalibur* cuja aquisição aqui propomos.

Gabriel Abrantes (Carolina do Norte/Estados Unidos da América, 1984) – Les Extraordinaires Méaventures de la Jeune Fille de Pierre | 2019



Fundamentação: Gabriel Abrantes oscila o seu percurso artístico entre a pintura, o vídeo e o cinema. As suas pinturas buscam sempre uma lógica inesperada e a sua técnica de pintura é muito apurada em termos convencionais, mesmo que os temas sejam o seu oposto. O seu trabalho em filme, em que as narrativas se dispõem na forma de fábulas, reflete sobre temas políticos, sociais, questões de género, a guerra, o pós-colonialismo, a aventura, o desejo e a moral. Na confrontação entre o mundo infantil e o adulto, o erótico e o castrador, a inocência e a máquina e o doce mundo da fantasia e da arte e o duro mundo da realidade. O humor é usado como uma peça fundamental na desconstrução das convenções para a experimentação de uma aproximação ou mesmo de uma sedução da própria realidade através da arte. Gabriel Abrantes vive e trabalha entre Nova Iorque e Lisboa. Expõe regularmente o seu trabalho em museus nacionais e internacionais, como a Tate Britain (Londres), Palais de Tokyo (Paris), MIT List Visual Arts Center (Boston), Museu de Serralves (Porto), ou Kunst-Werke (Berlim). Participou em

diversas exposições individuais e coletivas em diversas instituições, destacando-se: ICA (Londres), Lincoln Centre (Nova Iorque), Caixa Forum (Madrid), CAM - Gulbenkian (Lisboa), entre outras. Foi artista convidado da 32.^a Bienal de São Paulo (2016) e da Bienal de Imagem em Movimento (2014), no Centre d'Art Contemporain Genève (Suíça). Em 2009, foi o vencedor da 8.^a edição dos Prémios EDP. Em 2010 recebeu o Leopardo de Ouro do Festival de Cinema de Locarno, e em 2014 e 2016, o Prémio EFA European Film Awards no Festival de Cinema de Berlim. Em 2018, a longa metragem "Diamantino" (2018), que co-realizou com Daniel Schmidt, ganhou o Grand Prize na Semaine de la Critique em Cannes.

Gonçalo Barreiros (Lisboa, 1978) – Sem Título | 2016



Fundamentação: Gonçalo Barreiros frequentou o Ar.Co e continuou os seus estudos na Slade School of Fine Arts em Londres. Foi selecionado para os prémios EDP em 2003, em Serralves. Os seus trabalhos, quase sempre em escultura têm um grande sentido de humor, lembrando gags retirados de bandas desenhadas ou filmes de Buster Keaton e Charles Chaplin. Replicam situações, momentos, frações de segundos cómicos, dando ao espectador uma sensação de vertigem. Utiliza frequentemente o ferro e o bronze para materializar as suas ideias. Propomos a aquisição de uma escultura de parede representando um texto rasurado no que parece ser a *spray*, mas feito de ferro, uma espécie de *trompe l'oeil* pictórico, mas realizado em escultura.

Gustavo Sumpsta (Luanda, 1970) – Metal Sonante | 2017



Fundamentação: Um artista reconhecido consensualmente pelo meio, com um percurso marginal e em simultâneo muito consistente. Mais conhecido pelas suas performances, a obra que propomos não deixa de remeter exemplarmente para essas performatividade e marginalidade características do autor. Ainda a assinalar a técnica, a poética e simbolismo do objeto representado como aspetos singulares desta obra quer em si mesma, quer no contexto do acervo em que será integrada.

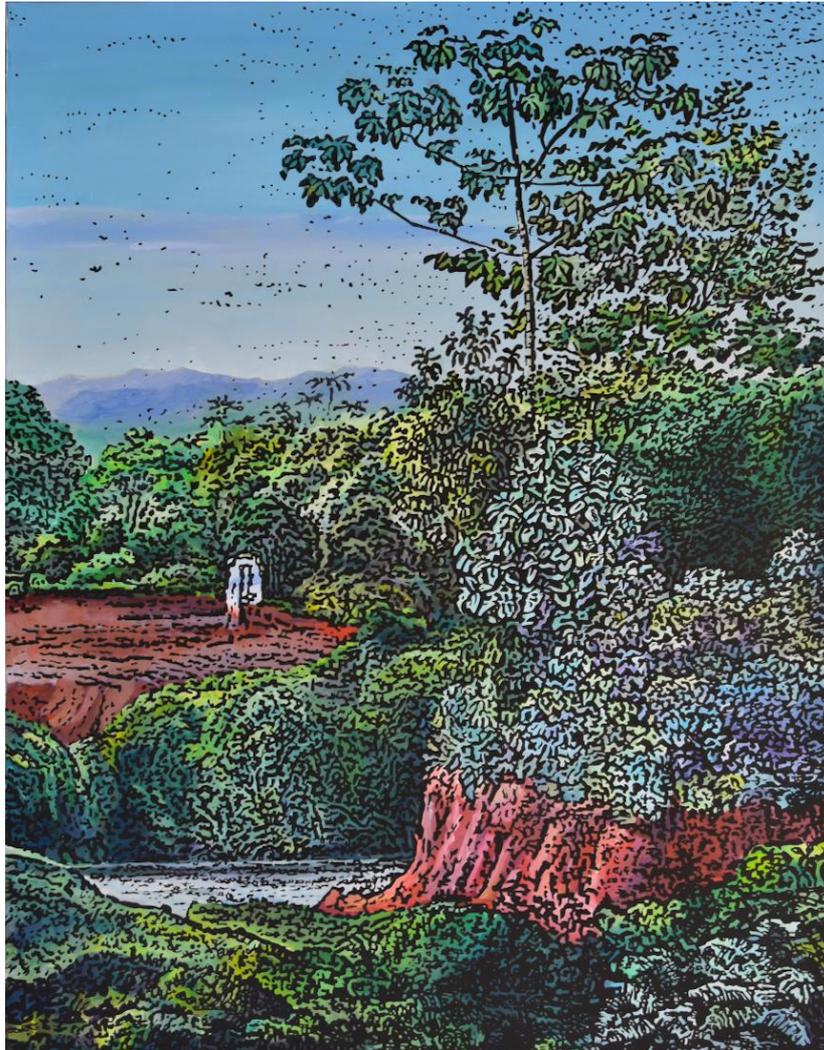
Hugo Canoilas (Lisboa, 1977) – Ama o amanhecer e o pôr do sol, pois não existe nada mais inútil |2016



Fundamentação: Explorando, na sua obra, uma multiplicidade de linguagens e suportes, Hugo Canoilas tem participado, nacional e internacionalmente, em várias exposições individuais e coletivas tendo integrado a 30^a edição da Bienal de São Paulo. Utilizando vários *media* e repensando conceptual e formalmente a linguagem da pintura, o artista questiona, em *Ama o amanhecer e o pôr do sol, pois não existe nada mais inútil*, a imposição da artificialidade na vida quotidiana e a crescente dificuldade em vivenciar experiências que superem a finitude da nossa condição. Repensar rotinas e emoções ou a noção de natureza, tanto interior como exterior, implica, como o próprio artista diversas vezes afirmou, ser absoluta e livremente um Outro. O Outro que o Eu é. Afastando-se da relação binária natureza-cultura, homem-animal, razão-emoção, eu-outro, é a identidade como diferença, o singular como múltiplo que, também

para a sua obra, o artista reivindica. Um programa de trabalho que configura uma poética em devir.

João Fonte Santa (Évora, 1965) – Reisen in Brasilien | 2016



Fundamentação: Desde o final dos anos 1980, o trabalho de João Fonte Santa veicula sempre uma atitude questionadora perante a sociedade, em boa medida através de retratos, imagens e citações gráficas com origem na grande tradição narrativa do século XIX. A partir desse referente eleito, o artista recorre a elementos que nos

são familiares, para depois os resgatar da sua normalidade quotidiana e introduzir linhas de reflexão política e filosófica que não dispensam, ao mesmo tempo, uma espécie muito particular de contemplação estética. De grande escala, estes trabalhos em acrílico estão impregnados de mensagens e metáforas críticas sobre os desequilíbrios da nossa contemporaneidade

João Gabriel (Leiria, 1992) – Conjunto de seis obras | 2019



Fundamentação: João Gabriel terminou a licenciatura em Artes Plásticas na ESAD – Caldas da Rainha, em 2013, e tem-se notabilizado no domínio da pintura, com a realização de trabalhos de grande riqueza plástica. Frequentemente, de pequeno formato e de diferentes dimensões, realizados a acrílico sobre papel, nas suas obras cruzam-se múltiplas referências: apresentam motivos abstratos, mas sobretudo marcas da presença da figura humana, em composições pautadas pelo tema da sexualidade. As suas telas combinam imagens e poses apropriadas do cinema pornográfico, mas

também memórias do passado, desde paisagens de infância a registos e inspirações derivadas de vivências quotidianas. O conjunto de trabalhos proposto para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, é característico destas marcas identitárias do seu trabalho e igualmente do valor serial, conceptual e narrativo da pintura contemporânea.

João Onofre (Lisboa, 1976) – Untitled (N'en Finit Plus) | 2010-2011



Fundamentação: Com o vídeo *Untitled (N'en Finit Plus)* – a obra de João Onofre proposta para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado – confirma-se o valor essencial do trabalho deste artista revelado no início da década de 2000. Nele podemos observar o efeito de ironia como índice nostálgico em torno de uma era irremediavelmente confundida no filtro das tecnologias digitais. A impossibilidade da comunicação realizada pela sua distorção ou inviabilidade elíptica, mas permanente, apresenta-se assim

enquanto espelho das tensões que caracterizam a nossa contemporaneidade.

João Queiroz (Lisboa, 1957) – Sem título | 2015



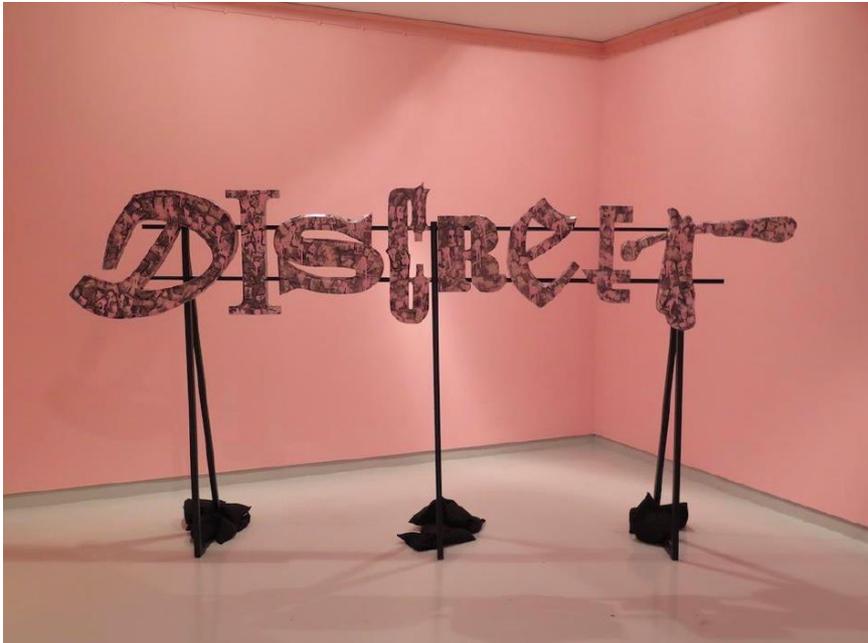
Fundamentação: João Queiroz desenvolve um trabalho de pintura e desenho, tendo começado a sua atividade expositiva na primeira metade dos anos 80. Estudou Filosofia na Faculdade de Letras de Lisboa. Estes interesses convergiram na sua obra, e desencadearam o seu interesse em desenvolver uma investigação sobre o papel da imagem na contemporaneidade. Prosseguindo uma abordagem experimental, refletiu sobre problemas antigos da linguagem da arte, explorando quer o potencial das palavras escritas em composições, quer modos sensoriais e não descritivos da representação da natureza. As pinturas de João Queiroz discorrem através do género histórico da pintura de paisagem, e do funcionamento do olhar que esta opera no observador, por vezes

seguindo em direção à abstração, em referências ao Romantismo ou ao Simbolismo, utilizando os elementos como peças no jogo de composição e propondo abordagens singulares. A história da pintura oriental e europeia de paisagem, desde Claude Lorrain a Casper David Friedrich ou a Turner, da Escola de Barbizon ao Impressionismo, fazem parte das referências de Jorge Queiroz. Por vezes surgem inscritas numa rápida nota caligráfica, outras num laborioso trabalhar das formas e ainda, por vezes, optando por confrontar estas duas atitudes na mesma tela.

A obra proposta para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, faz parte de uma série de pinturas de composição circular, onde a nitidez dos motivos se transmuta em favor de uma abstração que nos faz pensar em Aníbal atravessando os Alpes, de Turner e nas paisagens abstratas de Kandinsky, mas aqui optando por uma económica disciplina cromática. Uma das razões pelas quais apreendemos esta pintura como pertencente ao género da paisagem, são o conhecimento do percurso do artista e a forma como o nosso olhar é direcionado em torno da composição.

João Queiroz foi docente de Desenho, Pintura e Teoria de Arte no Ar.Co (1989-2001). Foi premiado na 1ª. Edição do Prémio EDP em 2000 na disciplina de Desenho, e participou em numerosas exposições individuais e coletivas. A sua obra integra algumas das mais importantes coleções de arte contemporânea (Fundação Calouste Gulbenkian, FLAD - Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Fundação EDP, entre outras).

João Pedro Vale + Nuno Alexandre Ferreira (Lisboa, 1976/Torres Vedras, 1973) – Discreet | 2015



Fundamentação: O poder da palavra, o questionamento e a problematização do discurso são fundamentais no processo criativo desta dupla. A subversão, a camuflagem, a tensão entre a ficção e a realidade, a verdade e a mentira são alguns dos conceitos refletidos tanto na sua obra plástica como nos seus projetos de teor mais performativo. *Discreet* (2015), obra que propomos para representar a obra desta dupla na Coleção de Arte Contemporânea do Estado, representa as suas investigações plásticas assentes na dinâmica do discurso, nos valores literais e metafóricos e na intenção poética, filosófica e política na sua utilização. Se a palavra escrita nos remete para uma grande abertura de sentido, já o seu tratamento plástico suscita maior ambiguidade interpretativa, com novas possibilidades de interpretação do discurso. Formada por inúmeras imagens relativas ao universo da sexualidade e da pornografia, o discurso adquire um peso contextual, que muda o significado e joga com o

duplo sentido atribuído à palavra “discreet”.

José Luís Neto (Sátão, Viseu, 1966) – July 1984 | 2012



Fundamentação: José Luís Neto é um fotógrafo com um percurso muito destacado na fotografia e na arte portuguesa. Desde a década de noventa, momento em que consolidou a sua atividade artística e expositiva, tem atuado no campo da fotografia, produzindo uma obra criativa assinalável que escapa aos cânones habituais. Explorando processos de tratamento analógico da fotografia, usando uma pluralidade de recursos estilísticos e técnicos na exploração de determinadas características da fotografia, construiu ao longo da sua trajetória um corpo de trabalho de grande qualidade plástica e conceptual. Como acontece na peça que propomos na Coleção de Arte Contemporânea do Estado, José Luís Neto pode prescindir do visor

da máquina fotográfica, pode trabalhar a partir de imagens já existentes, de arquivos privados e desconhecidos, trabalhando até o potencial plástico e expressivo da degradação das imagens fotográficas. De forte carácter experimental, o valor singular e relevante da sua obra tem sido largamente reconhecido em Portugal e no meio artístico internacional, onde expôs com regularidade ao longo do seu percurso profissional. Destaca-se ainda a sua atividade exemplar no domínio do ensino da fotografia em Portugal, em diversas instituições culturais e universitárias.

Jorge Queiroz (Lisboa, 1966) – Sem título | 2014



Fundamentação: Jorge Queiroz estudou no Ar.Co e, entre 1997 e 1999, realizou um mestrado na School of Visual Arts, em Nova Iorque, onde permaneceu antes de se fixar, em 2004, em Berlim. O seu percurso tem sido, por isso, construído num contexto tanto internacional como nacional: atestam-no exposições individuais e coletivas em importantes instituições europeias e nas bienais de Veneza (2003), São Paulo (2004) e Berlim (2006). É o único artista português representado no MoMA – Museum of Modern Art, em Nova Iorque. As composições de Jorge Queiroz deixam-nos quase sempre perplexos num jogo em que o observador é compulsivamente obrigado a entrar e a tomar decisões sobre a organização categórica das figuras. As reminiscências da interpretação académica são chamadas para intervir numa classificação oscilante em que o designado e o referente assumem constantes mutações. Por raras vezes as formas são quase explícitas, mas nunca desembocam numa concessão ao definido, navegando antes à volta deste, em círculos que apontam, mas nunca revelam a forma com a objetividade de um mundo de dicionários. A pintura proposta para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, faz parte de uma experiência de leitura que vai em direções simultâneas, quanto àquilo que se pode chamar reconhecimento na teoria da forma, e em que as três figuras principais parecem assentes num fundo de paisagem onde os valores do claro-escuro se invertem do ponto de vista da perspetiva realista, que se torna mais um dos temas da sucessão de ambiguidades que mascara uma pintura que, é de resto, formal e classicamente equilibrada. A pequena cabeça em primeiro plano e o desenho do lápis, pelo contrário, pertencem ao mundo do nosso reconhecimento.

**José Maças de Carvalho (Anadia, 1960) – Arquivo e democracia
(Still) | 2017 / Untitled (HK #10) | 2017**



Fundamentação: José Maças de Carvalho tem vindo a afirmar-se, desde os anos 1990, como um dos mais prestigiados artistas do panorama nacional ao nível da fotografia e do vídeo, ao conciliar de modo reflexivo a matriz conceptual e imagética intrínseca a esses

meios disciplinares. A pertinência da aquisição destes dois trabalhos [um em vídeo, *Arquivo e democracia (still)*, e outro em fotografia (*Untitled (HK#10)*)], decorre da singularidade desta obra, na qual o vídeo e a fotografia se constituem como sintagmas do mesmo discurso interrogativo sobre a imagem. Na sua obra é recorrente a ideia de “fraseimagem” (Rancière), não como artifício, mas impressa na pele do real, porventura da ordem do obtuso como “um acento... uma emergência” (Barthes), reforçando a relação de opacidade entre a imagem e o real.

Júlia Ventura (Lisboa, 1952) – Sem título (a imagem extrínseca) | 2005



Fundamentação: Uma das artistas portuguesas mais decisivas desde a segunda metade dos anos 1980, Júlia Ventura convoca aqui nesta instalação vídeo uma dimensão crítica de contralinguagem, contravisualidade e descentramento do sentido, como forma mais eficaz de instabilizar os códigos dominantes e apontar a uma subtil evanescência do sujeito. Estas imagens, em tripla projeção vídeo, produzem uma «crítica à representação», questionando o verdadeiro

conteúdo da representação visual, diminuindo assim a ilusão da projeção do sujeito ou da transparência da imagem no processo comunicativo.

Luís Lázaro Matos (Évora, 1987) – Tomber Dans Le Lac | 2018



Fundamentação: Luís Lázaro Matos trabalha em desenho, pintura e vídeo. O mais comum é utilizar todos estes meios em simultâneo nas suas exposições, criando instalações e experiências imersivas, na quais até as próprias paredes estão pintadas com um padrão, criando ambientes delirantes e fantasistas, nos quais a componente musical e literária está também presente. Apesar de jovem, tem já um percurso internacional invejável, estudou em Londres na Goldsmiths e em São Francisco no SFAI. Propomos a aquisição de um fragmento da exposição *Tomber dans le Lac*, uma tela de grande formato e um vídeo com uma moreia que conta a sua história.

Mafalda Santos (Porto, 1980) – Muro para conter reflexões | 2019



Fundamentação: Mafalda Santos iniciou o seu percurso expositivo em 2000 e fez parte de uma geração de artistas do Porto que se destacou quer pela sua produção artística quer pelo seu empenho e energia na constituição de espaços culturais de autogestão colaborativa. Ao longo da sua trajetória, a artista desenvolveu trabalhos em múltiplos suportes artísticos, evidenciando grande qualidade plástica e conceptual no desenvolvimento dos seus projetos. Com um trabalho minucioso e obsessivo, atento ao valor performativo e material dos processos de produção, a artista indaga muito frequentemente a ligação entre a tridimensionalidade do objeto e a bidimensionalidade da imagem, a forma e o conteúdo. O trabalho proposto para integrar a coleção do estado, é característico dessa via de pesquisa. A instalação, com uma forte presença escultórica e até arquitetónica, constitui um “muro” erigido pela sobreposição de resmas de papel impresso, cujas folhas, apesar de conterem informações, ficam encriptadas surgindo tão só enquanto

imagens abstratas formadas pelas suas múltiplas e variadas margens visíveis.

Manuel Santos Maia (Nampula, 1970) – Alheava_film | 2006-2007



Fundamentação: Cruzando questões que se situam nos domínios da autobiografia, arquivo e problemáticas pós-coloniais, a obra deste artista enquadra-se claramente numa das grandes tendências da prática artística internacional. Recorrendo a múltiplas formas de documentação, enunciando e denunciando as estratégias do colonialismo português, através da história da sua própria família que viveu em Moçambique, somos confrontados com uma sustentada crítica ao domínio colonial, especificamente o caso português, e à respetiva imposição de sentido. *Alheava_film* foi apresentado pela

primeira vez Iowa, em 2008, premiado no FIAV.08 e na Argélia, com o Prix Ibn Batuta. Em Portugal foi apresentado em diversas instituições, entre as quais o Museu de Serralves. A singular consciência crítica presente nesta obra, espelha o alheamento português, individual e coletivo, face ao seu passado colonial e pós-colonial, em África. Problematizando a suposta identidade nacional, o filme aborda a complexidade da designada “questão colonial”, assim interpelando esse alheado lugar: o da (nossa) própria memória. O lugar da história.

Mariana Caló e Francisco Queimadela (Viana do Castelo, 1984 / Coimbra, 1985) – Sombra luminosa | 2018



Fundamentação: Mariana Caló e Francisco Queimadela vivem e trabalham no Porto. Estudaram juntos no curso de Pintura da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e formam dupla desde 2010. Logo em 2012, foram distinguidos com o prémio BES Revelação. Com um projeto artístico consolidado e de grande

qualidade conceptual e visual, esta dupla explora muito frequentemente a presença e, simultaneamente, a indefinição do oculto e do obscuro, seja através de objetos que evocam a dimensão do sagrado ou de situações e ambientes naturais enigmáticos. Como esta peça de vídeo bem exemplifica, o seu trabalho, realizado frequentemente no domínio da imagem em movimento, reflete o seu interesse por áreas como a etnologia e a antropologia, a história, sobretudo a das civilizações antigas. Neste caso, esta obra resultou do contacto estreito dos artistas com a coleção do Centro Internacional das Artes José de Guimarães, no decorrer de uma residência artística.

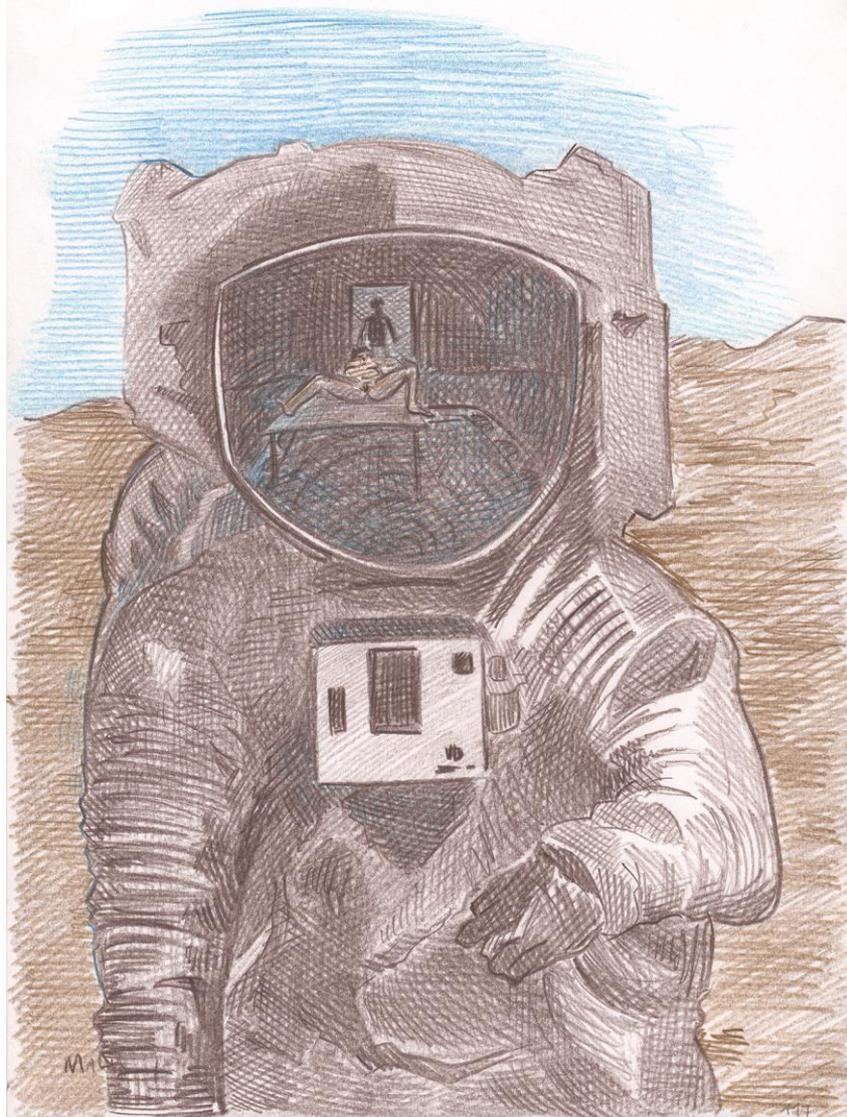
Com presença constante no circuito expositivo nacional, a dupla regista uma trajetória internacional promissora: em 2012, foram bolseiros da Fundação Calouste Gulbenkian em residência artística na Gasworks, Londres, onde expuseram *Gradations of Time over a Plane*. No ano anterior já tinham exposto o seu trabalho no General Public em Berlim, apresentando também *The Springs of the Flood*, no Altes Finanzamt, espaço cultural situado na mesma cidade. Em 2013, venceram o prémio internacional Schermo dell'arte Film Festival.

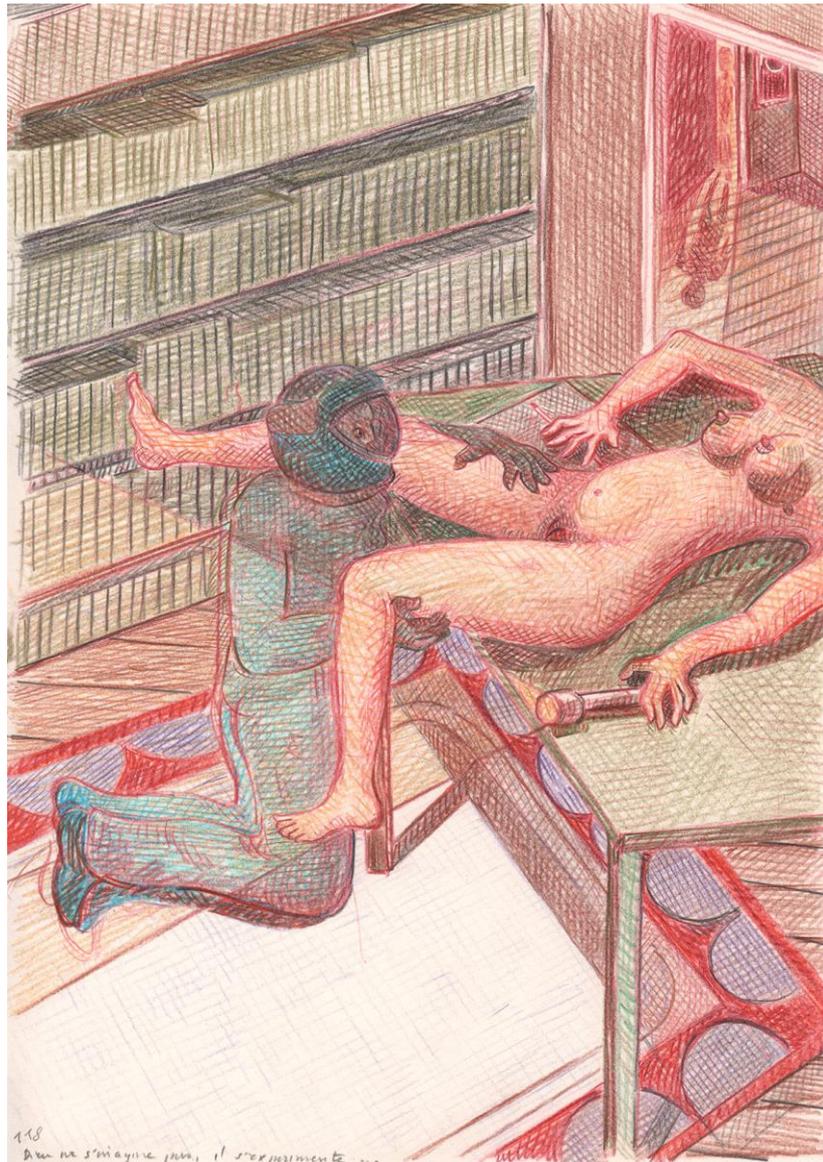
Mariana Gomes (Faro, 1983) – Sem título | 2019



Fundamentação: Mariana Gomes, é uma jovem artista, mas com um sólido percurso e já expôs os seus trabalhos em instituições como a Sala do Cinzeiro na Fundação EDP (pré MAAT), Gulbenkian e mais recentemente na Fundação Carmona e Costa. Trabalha maioritariamente em pintura sobre tela, mas também sobre papel que recorta e cola diretamente na parede, constrói também em papel-machê pequenas e grandes cabeças humanas. A pintura que propomos para aquisição esteve patente na exposição *Solilóquio* na Galeria Cristina Guerra, primeira exposição da artista nesta galeria.

Mattia Denisse (Blois, 1967) – História fantástica do mergulho II
| 2017





Fundamentação: Mattia Denisse, nascido em França optou por viver em Lisboa desde o final dos anos 1990 tendo aí desenvolvido grande parte do seu trabalho. Trabalhando principalmente entre o desenho e a escrita, ainda que recorrendo por vezes à escultura ou a outros meios, o conjunto proposto situa-se algures entre o diário, o diário gráfico, a narrativa literária e a autobiografia, materializando-se num conjunto alargado de pequenos e preciosos desenhos coloridos de pequenas dimensões.

Miguel Leal (Porto, 1967) – Caleidoscópio (pedras, cavernas e figuras) | 2010 -2018



Fundamentação: Artista que, além de ter realizado várias exposições individuais, participou em diversas exposições coletivas nacionais e internacionais. Interrogando as relações entre a prática

artística e as estratégias institucionais e sociopolíticas que a configuram, a obra de Miguel Leal, de reconhecida importância sobretudo a partir da década de 90, parece situar-se nas fronteiras da tradição da arte conceptual, algumas formas da crítica institucional e o dos suportes/processos tecnológicos. É sobre a natureza das imagens projetadas que nos fala *Caleidoscópio (pedras, cavernas e figuras)*. Rematerializadas em suportes analógicos e digitais, e novamente convertidas em diapositivos, a obra configura uma extensa série de imagens, com múltiplas origens e naturezas físicas, que o artista foi produzindo entre 2010-2018. Evocando a transformação da matéria, o tempo, a história do mundo e das imagens, é a desnaturalização formal que inviabiliza toda a possibilidade de uma narrativa linear. Nesta obra, tal como em cada exposição que a mesma se apresenta, a diferença pode ser encontrada na repetição.

Mimi Tavares (Lisboa, 1962) – Deslize | 2019



Fundamentação: Nasceu em 1962 e vive e trabalha em Lisboa. Frequentou o Curso de Ilustração da Fundação Calouste Gulbenkian, com a pintora Maria Keil, em 1982, e licenciou-se em Pintura pela Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa em 1988. Os Interiores Metafísicos de Mimi Tavares, apesar de um tratamento próximo do realismo e da identificação clara dos objetos, vivem de relações antropomórficas sem antropomorfismo. A ausência dos corpos humanos, seu reflexo, que lhes dariam o sentido da sua utilidade dá-lhes em vez disso o protagonismo e por isso não são naturezas mortas, mas tornam-se antes os donos e senhores totais dos espaços. O tema da solidão é ultrapassado pela vida interior dos móveis e pelas suas potencialidades fantasmáticas. O tratamento discreto e competente dá por vezes lugar a uma súbita irrupção de cor ou gesto, ou um "deslize", como é o caso da pincelada sugerida nesta pintura, que faz lembrar o borrão dos *Screaming Popes* de Francis Bacon, a partir do *Estudo após Retrato de Velázquez do Papa Inocêncio X*, que, neste caso, deixou a sua cadeira vazia. Aqui os móveis abandonados revoltaram-se, ganharam a revolução, em piruetas contra os seus abandonónicos utilizadores e estão em autogestão, vingando-se das pessoas através das suas obsessivas memórias.

Nuno Sousa Vieira (Leiria, 1971) - As portas mortas | 2017



Fundamentação: Trata-se de um artista importante na escultura portuguesa dos últimos anos, com interessante percurso nacional e internacional, cuja obra não figurava ainda na Coleção de Arte Contemporânea do Estado. As portas mortas, tal como outras obras do autor utiliza materiais retirados do ateliê do artista, em Leiria, manipulando-os depois com destreza, inventividade e grande atenção aos aspetos formais. Uma obra ímpar que sendo uma escultura não deixa de remeter também para aspetos da instalação, enquanto género artístico e até para uma certa performatividade do autor.

Patrícia Garrido (Lisboa,1963) – Móbilis em 15 cm | 2018



Fundamentação: Depois de, no final dos anos 1980, ter iniciado o seu percurso em torno da prática pictórica, Patrícia Garrido aprofundou um projeto artístico dedicado desde meados dos anos 1990 ao exercício da escultura e à sua relação com o espaço

arquitetónico, assim como à subtil produção de pequenos objetos transformados ou à realização vídeo de performance para a câmara. Desde 1997 abordou de uma forma mais deliberada o tema da habitação, produzindo uma série de "apartamentos-tipo" de solução abstrato-minimal que, com recurso a reminiscências da sua memória pessoal, apresentam simulações cromáticas (a lembrar colchões e tapetes) das divisões de uma casa. A partir de 2009, a artista trabalha a ideia de escultura com base numa reconfiguração dinâmica dos resíduos remanescentes desses interiores habitacionais. A peça que agora se propõe para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado é ainda herdeira dessa tarefa de reenquadrar a escultura e a sua objetualização no âmbito de uma experiência espacial onde o que se vê também de se identifica com o caminhar, entre a aproximação dos pés ao objeto e a inclinação do nosso olhar à *Móbia em 15 cm*, isto é, quase à superfície do chão.

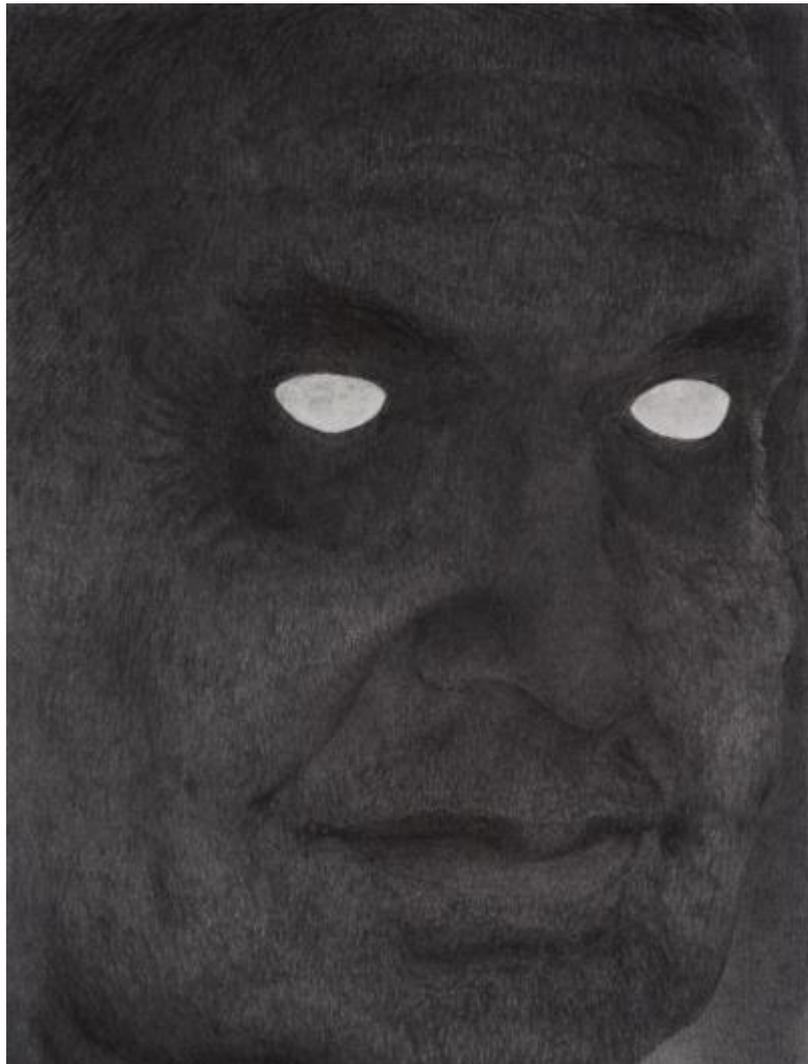
Pauliana Valente Pimentel (Lisboa, 1975) – Narcisismo das pequenas diferenças (Casa da família Athayde Motta - Ponta Delgada) | 2018



Fundamentação: Pauliana Valente Pimentel tem-se destacado desde o início de 2000 com as suas séries fotográficas. Como na obra agora proposta para a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, intitulada *Narcisismo das pequenas diferenças*, é sempre de pessoas e das suas histórias que vive a arte de Pauliana Valente Pimentel. A sua fotografia nelas se amplia enquanto valor de comunhão, nelas se reinventa como observação poética de um mundo concreto, o do olhar da artista em permanente viagem pelo seu detalhe de humanidade. Essa intensidade que a artista persegue junto das

peessoas que com ela se cruzam traduz-se, uma vez mais, nos gestos da pose e numa genuína disponibilidade dos retratados.

**Pedro A. H. Paixão (Lobito-Angola, 1971) – The heat of Lightness
| 2019**



Fundamentação: Pedro A.H. Paixão, nasceu em Angola onde viveu até 1975. Vive e trabalha entre Lisboa e Milão. Trabalha em desenho, de forma metódica e minuciosa. Os seus desenhos de longa e demorada concretização, de pequena / média escala, tratam assuntos

místicos e assombrosos. Desenhos monocromáticos, desenvolveu duas grandes séries em vermelho escarlata e em azul turquesa. Teve recentemente uma grande exposição no CIAJG (Centro Internacional de Artes José de Guimarães) onde também mostrou vídeo e objetos, foi também recentemente nomeado para o prémio internacional de Desenho Navigator Arte em Papel.

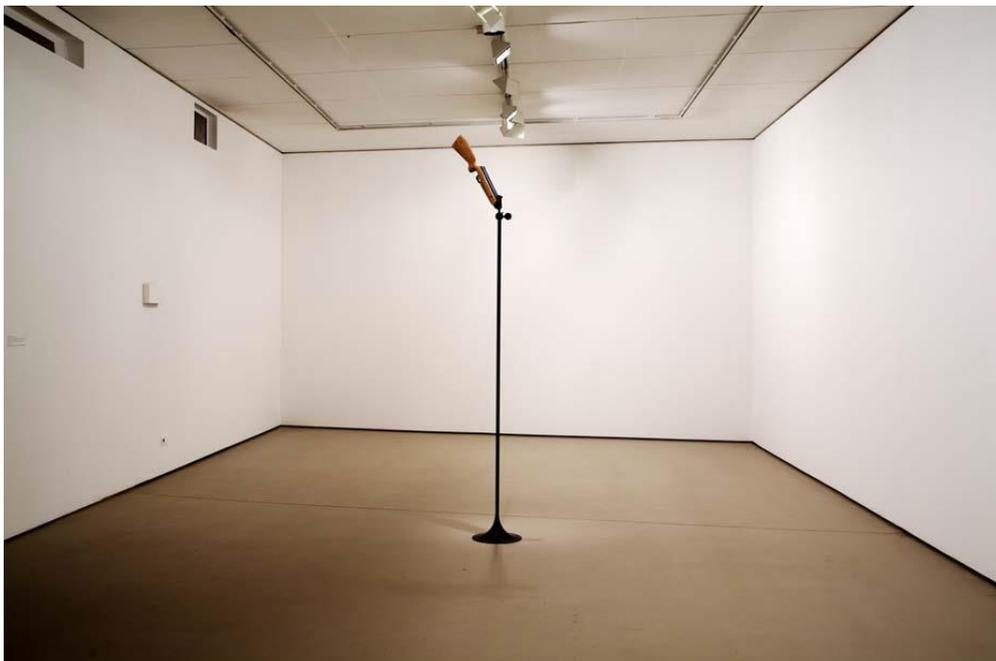
Pedro Barateiro (Almada, 1970) - Untitled (Die Bevölkerungsexplosion) | 2018



Fundamentação: Pedro Barateiro trabalha em variados suportes, produz trabalhos em desenho, vídeo, escultura e instalação, explorando processos criativos que envolvem múltiplas relações entre a conceptualização e a dimensão física dos seus projetos, as

formas plásticas, gráficas e escultóricas, e até a dimensão performativa do discurso. Com preocupações de indagação crítica sobre a época contemporânea, a sua investigação e prática artística desenvolvem-se em particular sobre determinados temas e realidades: as questões ecológicas, políticas e sociais, a memória, a ideologia, e outros aspetos da história moderna e contemporânea. *Untitled (Die Bevölkerungsexplosion)*, representa uma via de pesquisa fundamental na produção artística deste autor, que a partir da apropriação artística de imagens e de intervenção gráfica e plástica sobre objetos de documentação histórica, desenvolve processos de indagação crítica e exercícios especulativos em torno de evocações a dimensões políticas, civilizacionais, culturais e existenciais da nossa história coletiva, sempre com recurso a um pensamento metafórico.

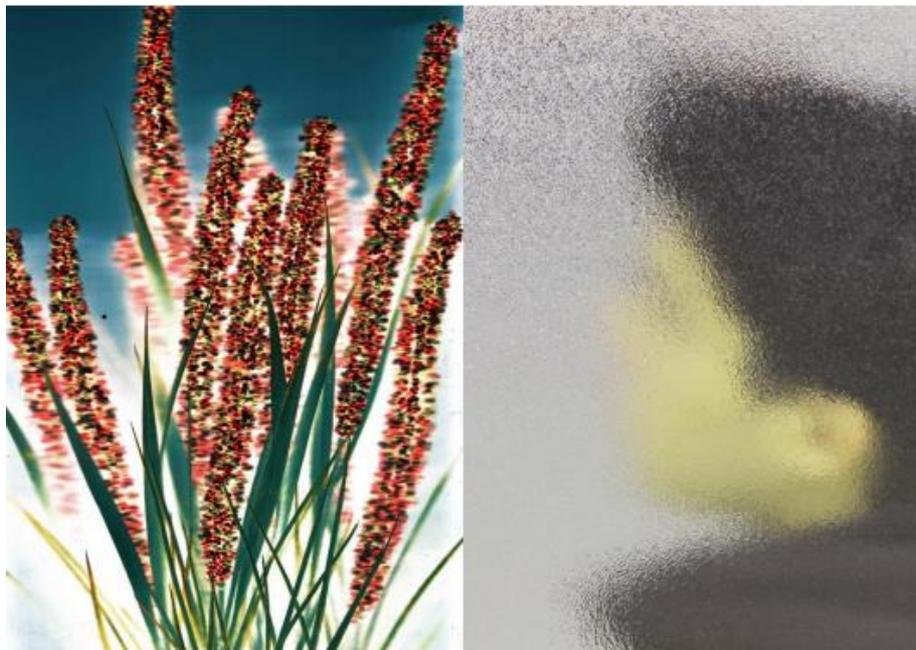
Pedro Cabral Santo (Lisboa, 1968) – Su Pressione | 2009

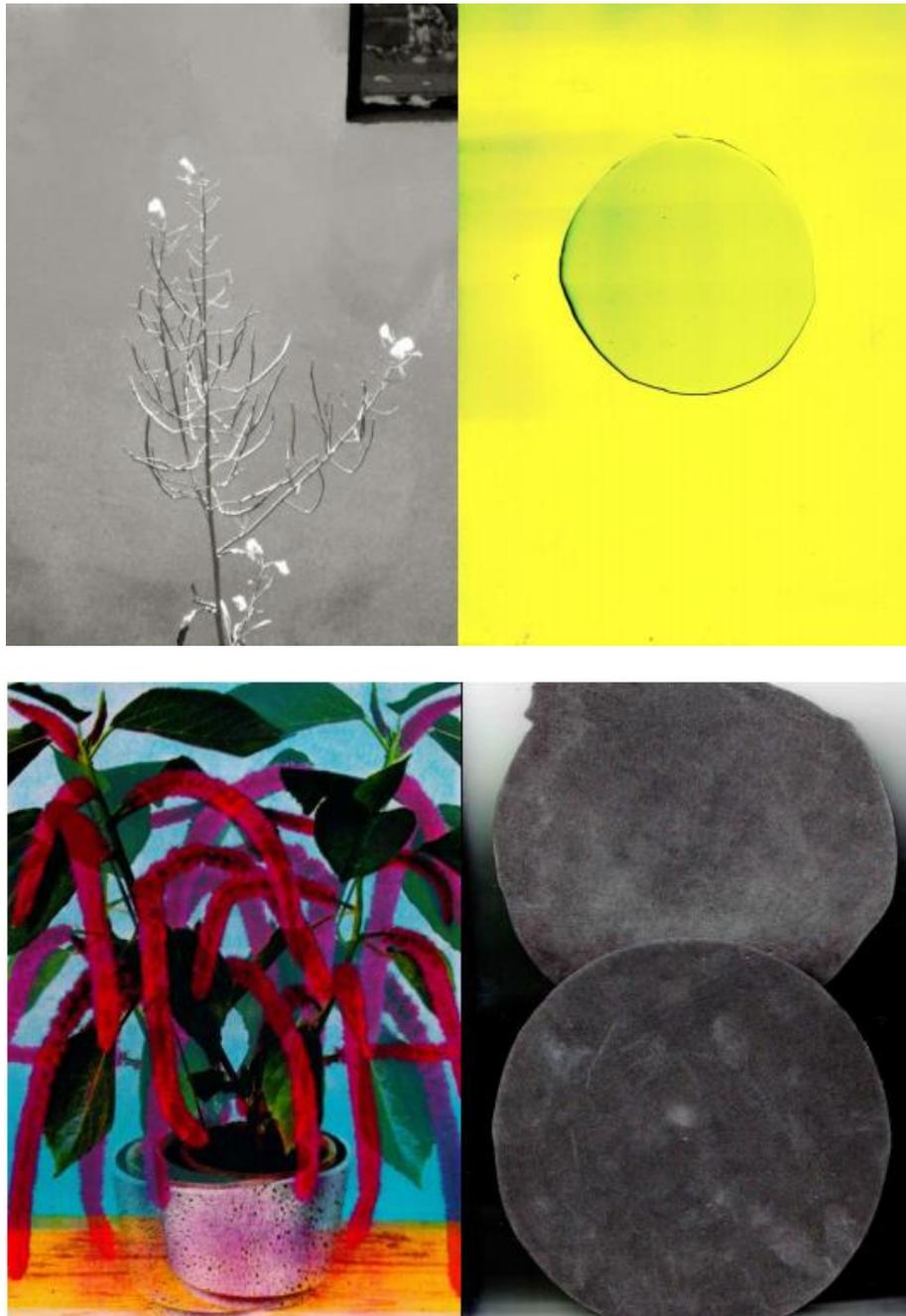


Fundamentação: Pedro Cabral Santo vive e trabalha em Lisboa. Estudou pintura e escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa e Universidade do Porto. Especializou-se num campo abrangente de áreas artísticas, que vão da instalação à vídeo-instalação. Atualmente é diretor do Curso de Artes Visuais e vice-diretor do Doutoramento em Comunicação, Cultura e Artes da Universidade do Algarve. Ao longo dos últimos 20 anos, tem vindo a desenvolver atividades de artista plástico e comissário de exposições, destacando-se as seguintes exposições: Tilt (Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa), O Pedro e o Lobo (Museu do Neo-Realismo), Fernando Brito 1983-2010 (Centro Cultural Vila Flor, Guimarães) e Manuel Vieira – CASA (Cordoaria Nacional, Lisboa), Sem Dó, com Ré (homenagem a Sá de Miranda), Museu do Chiado, Lisboa. Expôs na Galeria VPF – Creme ART, Absolutely, segunda parte da trilogia Unconditionally (2014), Absolutely (2015) e Unforeseen (2016). Pedro Cabral Santo desenvolve um trabalho onde reflete sobre a forma como os objetos de consumo se incorporam na nossa identidade. Os temas passam pela interrogação do lugar próprio da arte na sociedade, onde proliferam todo o tipo de imagens como produtos e referências. Ao introduzi-las nesse contexto, as imagens surgem como novas e surpreendentes. Para isso combina meios técnicos e soluções heteróclitas, percorrendo um caminho experimental que comunica com as práticas recentes da arte (dos anos 60 à atualidade) e imprimindo sempre nas suas imagens uma qualidade plástica que não se separa da sua qualidade emocional, que vai desde a terna ironia ao humor, e que desencadeia no olhar do público, para além do valor especificamente estético, o choque de uma revelação. A obra proposta para integrar a coleção do estado, utiliza um dispositivo surrealista, no sentido Maigrittiano, de um objeto e situação impossíveis, neste caso tridimensional, que se impõem pela sua estranha placidez. A enigmática espingarda de

pressão de ar é transformada e esticada, ganhando escala e um papel de personagem, como num desenho animado da Looney Tunes. Utiliza também o jogo de palavras conceptual nas combinações de diferentes sentidos da palavra “pressão”, neste caso sob pressão, supressão, pressão de ar, de pressão.

Pedro Sousa Vieira (Porto, 1963) - Sem título (conjunto de 3 dípticos) | 2017





Fundamentação: Pedro Sousa Vieira artista do Porto, discreto, mas de "culto", trabalha sobretudo em desenho, mas também pintura e fotografia. Trabalha por camadas e sobreposições múltiplas, misturando o desenho e a fotografia e/ou outras técnicas de impressão até atingir resultados nos quais nos é impossível distinguir o que foi feito manualmente do que foi feito recorrendo ao computador. Estes três dípticos fizeram parte da sua exposição do

não menos mítico Sismógrafo no Porto, na exposição *Uma Varanda à Justa*.

Ramiro Guerreiro (Lisboa, 1978) – S/T | (mupi) | 2019



Fundamentação: Artista que expõe regularmente desde 2005, ano no qual lhe foi atribuído o prémio BES Revelação e uma menção honrosa no prémio EDP Novos Artistas. Desenvolvendo uma prática artística que reforça os cruzamentos entre corpo, espaço e arquitetura, Ramiro Guerreiro utiliza uma pluralidade de meios, incluindo publicações impressas e performance, em função de uma

lógica que se enquadra nos contextos de produção e da singularidade de cada projeto expositivo. No trabalho deste artista, o visitante-espectador ocupa um lugar central pois que o apelo à experiência corporal, enquanto estratégia de confronto num determinado espaço, adquire um sentido fundamental nas suas propostas. Um corpo que se pretende em situação. A obra aqui proposta para aquisição, partilhando destas premissas, confronta-nos com as aproximações, fronteiras e hierarquias que podemos encontrar entre o objeto de arte, o objeto funcional e utilitário ou o objeto decorativo. Esta distinção, que para o artista não se reveste de particular interesse, é equacionada através de uma estrutura desenhada a partir das medidas de um MUPI.

**Rita Castro Neves e Daniel Moreira (Suíça,1976 / Paris,1971) –
Jardins Botânicos| Coimbra e Rio de Janeiro (estudo 02) | 2017**





Fundamentação: Artistas com um percurso individualmente consolidado que, a partir de 2015, desenvolvem trabalho conjunto tanto em exposições individuais como coletivas. Apesar de a imagem fotográfica se afirmar como media dominante, a obra desta dupla pertence a um território fundamentalmente multidisciplinar. Assim é com Jardins Botânicos que aqui propomos para aquisição. Instalação apresentada em Coimbra e Rio de Janeiro, toma como ponto de partida uma pré-existência: os jardins botânicos de Coimbra e do Rio de Janeiro, criados, respetivamente, em 1772 e 1808. Acionando a comunicação entre as duas cidades, os artistas constroem mesas-floresta a partir de cujo dispositivo produzem uma narrativa que cruza a fotografia e o desenho. Nesta instalação, as fotografias a preto branco (intencionalmente fotografadas com uma câmara clássica de filme de médio formato) e os desenhos monocromáticos, são distribuídos pelas três mesas-floresta, mapeando espaços, espécies, detalhes e estruturas sublinhadas e abertas pelos desenhos, aproximando-se não só das práticas oitocentistas de tipo enciclopédico, mas também das mais privadas como os herbários caseiros e a ilustração científica ou até as práticas fotográficas de Talbot.

Renato Ferrão (Vila Nova de Famalicão,1975) – Máquinas | 2016



Fundamentação: Com um percurso singular na arte portuguesa contemporânea, Renato Ferrão expõe regularmente desde 1998. Foi-lhe atribuído o Prémio de Artes Plásticas União Latina 2010, e é um dos membros fundadores do Salão Olímpico, no Porto. A sua obra é marcada por uma poética na qual se destaca o conceito de “tensão”.

Entre a transfiguração de objetos comuns, as respectivas mecânicas de funcionamento e dinâmicas espaciais, são manifestas as evocações críticas à linguagem escultórica. A peça, que aqui propomos para aquisição, conduz-nos a diversos meios de produção, reprodução e manipulação das imagens. Por outro lado, as noções de desperdício, deficiência, técnica, erro e falha, entre outras, situam a obra num domínio meta-conceptual. Trata-se, antes de mais e fundamentalmente, de fazer exteriorizar o processo, do território da máquina enquanto tal, do próprio dispositivo técnico na sua materialidade. Sem recorrer a qualquer narrativa ou estratégia de ordem subjetiva, é a produção da imagem e as suas implicações enquanto pura fisicalidade que a instalação *Máquinas* nos dá a ver.

Rui Calçada Bastos (Lisboa, 1971) – Sem Título (Paapandrecht) | 2017



Fundamentação: A produção artística de Rui Calçada Bastos está indissociavelmente associada à experiência profissional e de vida que adquiriu nos locais onde viveu nos últimos anos, nomeadamente em Berlim, onde usufruiu de um contínuo e estreito diálogo com o panorama artístico internacional. A sua prática artística desdobra-se pelo domínio da fotografia e do vídeo, mas também do desenho e da escultura. *Sem Título (Paapandrecht)*, a obra do artista que propomos integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado, representa algumas das características assinaláveis do seu trabalho no campo da fotografia. De grande riqueza plástica e gráfica, esta obra regista situações do espaço urbano, que poderiam manter-se esquecidas e no domínio da invisibilidade, mas que o artista observa e capta no seu quotidiano, destacando as suas formas e conferindo-lhes outros significados, através da evocação poética e da singularidade expressiva e plástica que realiza em torno da imagem fotográfica.

Susana Gaudêncio (Lisboa, 1977) – In a Place Called Lost, Strange Things are Found #3 | 2020



Fundamentação: Susana Gaudêncio é uma artista com um longo e interessante percurso dividido entre Nova Iorque, Lisboa e Porto, sendo esta última cidade onde atualmente reside. Desenvolve o seu trabalho a partir de uma investigação em torno de disciplinas como História, Filosofia, Literatura ou Arquitetura e debruça-se recorrentemente sobre a ideia de utopia. Usa com mestria o desenho, o cinema de animação, por vezes a escultura e ainda alguns outros meios, sendo o caso da obra cuja aquisição propomos, um cruzamento entre vários dos aspetos anteriormente referidos que constitui um encontro feliz entre investigação, desenho e fotografia.

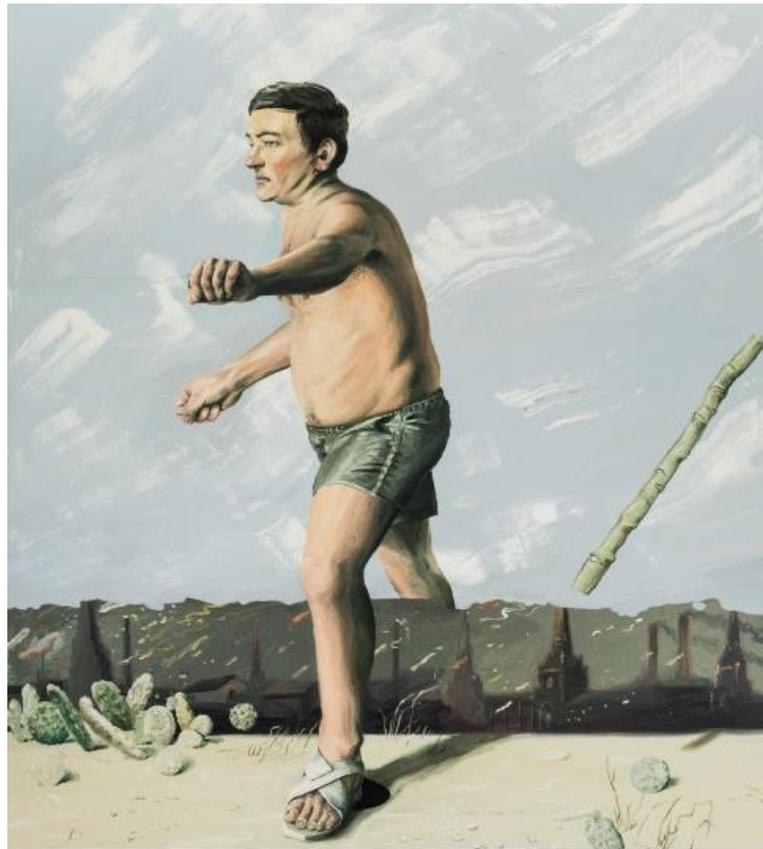
Tiago Alexandre (Lisboa, 1988) – Mum's Child | 2018



Fundamentação: Tiago Alexandre é um dos artistas mais jovens aqui representados, mas possui ainda assim um currículo considerável enquanto autor e assinalando-se também o facto de ser um dinamizador do meio. No seu trabalho foca recorrentemente temas como a adolescência, a vida na rua, a vida nos subúrbios e em particular na zona de Sacavém onde cresceu, bem como as culturas e submundos motard e hip hop. Ainda assim o seu trabalho não se encerra de forma alguma nessas classificações, desmultiplicando-se

numa variedade de aspetos e técnicas sempre interessantes, pertinentes e atuais.

Tiago Baptista (Leiria, 1986) – Sem título | 2018



Fundamentação: Tiago Baptista é um dos artistas mais jovens, cuja obra é sugerida para integrar a Coleção de Arte Contemporânea do Estado. Formado na Escola Superior de Artes e Design de Caldas da Rainha, tem como prática a pintura e foi premiado diversas vezes, estando representado em várias coleções de arte, como na Coleção EDP, CML, MACE, AR2A e Novacerrada (Espanha). As suas pinturas apresentam e questionam temas da figuração, que equaciona nas suas relações com a abstração e outros movimentos da história de arte, num jogo que põe a nu os artifícios utilizados no processo

mimético, recuperando alguns métodos do surrealismo, na associação de imagens de contextos e escalas totalmente opostos e, na forma como elas dialogam, formando narrativas inesperadas. Existe uma qualidade ilustrativa na qual transparece uma familiaridade, como se tivessem um referente narrativo verbal algures. Funcionam muitas vezes como parábolas visuais. Algum do seu trabalho apresenta reminiscências de cenas de Max Beckman ou mesmo de um neorrealismo aplicado a um mundo contemporâneo onde se perdeu o sentido de uma ideologia. Podemos também falar em algumas das suas pinturas de uma reinvenção do chamado "Realismo Mágico". A pintura que é proposta para aquisição pela comissão, apresenta uma figura humana que se manifesta numa situação em que o movimento parece travado num instante de pose de modelo nu, atravessando como um gigante uma faixa onde se pinta uma cidade num material marmóreo que atravessa para pisar um terreno desértico. A tela apresenta ainda uma superfície, representando o céu, que pertence a outro tipo de modo de fazer pictórico, com a sua pincelada larga e informal. Joga-se com a desconstrução de uma lógica realista e com a coexistência de diferentes tipos de pintura na mesma tela. A vara que flutua do lado direito, aparentemente sem nexos, equilibra a composição sem qualquer pretexto narrativo.